

A Alma Académica



Propriedade da Academia do Liceu de Aveiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LICEU — AVEIRO

REDACTOR PRINCIPAL
DAVID CRISTO
CORPO REDACTORIAL
José Martins
Aníbal Suena
Ivo Abrunhosa
Joaquim Dinis
António Soares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
«GRÁFICA AVEIRENSE»
Rua José Estêvão — AVEIRO

Director — JOSÉ CAMILO TAVARES
Editor — AMÍLCAR AMADOR
Administrador — AFONSO DE BARROS SIMÃO

NÚMERO AVULSO, \$50
ASSINATURA
SÉRIE DE SEIS NÚMEROS, \$300

Uma crónica

A idade de ouro da T. S. F.

Em pleno século XX, nada há que seja estável, duradouro, consolidado, que possa definir uma época. Tudo passa rápido, numa vertiginosa carreira.

As ideias atropelam-se em contínua barafunda, em incessante algazarra.

E' o século da confusão, ninguém se entende.

Tudo é celeuma, tudo é alarido.

E esse alarido teve primeiramente, como emblema, o «Jazz». Houve uma época em que o barulho exótico e abracadabrante do «Jazz» chegava até aos «cabarets», aos teatros, aos cinemas, aos «music-halls», aos cafés, em diabólicas orgias. Em toda a parte os saxofones, os pratos e os trombones de varas se faziam ouvir estrepitosamente. O mundo inteiro andava mergulhado nessa atmosfera frenética, excêntrica, do «Jazz».

Tinha-se chegado ao ponto culminante da infernal algazarra.

A confusão nervótica tinha atingido o seu auge.

Mas esta época foi efémera.

Depressa esta atmosfera magnética, que trazia os cérebros num profundo labirinto, se dissipou.

Em breve aparecia a grafonola. Do ruído selvático do «Jazz» acabávamos de chegar ao «Não me importava ser freira...»

Mas este ar de languidez, que todos nós respirávamos, também foi transitório e, finalmente, apareceu a T. S. F.

Tôdas as noites se recebem notícias do mundo inteiro e se ouvem os concertos mais variados,

Em sua casa, no máximo conforto, toda a gente pode ouvir os característicos estalos que as desengonçadas «españolitas» produzem, fazendo soar, entre os seus dedos esguios, as castanholas, num ritmo acelerado; toda a gente pode ouvir, com a maior das comodidades, os grandes concertos em Londres, na Argélia, ou as frequentes conferências de Turim.

Até se pode ver por meio da

ESCREVER

«Escrever, escrever, eis o delírio que a todos invade. Mas escrever o quê? Isso pouco importa contanto que se escreva». Assim termina um artigo de António Cardo.

No vulgar, quando na idade das paixões e dos entusiasmos, lanamos mão de Eça ou Herculano, o nosso espírito sóbe no desejo ardente de escrever: o tema é pobre, o assunto sempre ingrato, as palavras desencadeiam-se numa vertigem louca a terminar a harmonia dum período o a procurar no «terminus» dum artigo a satisfação deste desejo — escrever.

Outras vezes, a paixão difere. E' a pronunciar um discurso de estilo empolado, a ver um mar de cabeças diante de si, que o espírito se satisfaz. Cair nas azas da poesia e subir a grangear o título de poeta, eis ainda o desejo de muitos.

Em qualquer dos casos uma ideia domina a mocidade. Não prefere ser escritor a poeta nem poeta a ser orador. Há, unicamente um desejo, uma paixão — subir! Subir numa ânsia desmedida para atestar superioridade; ser superior eis, em resumo, o que o entusiasmo nos pede.

E assim, é vulgar, encontrarem-se inteligências, melhor direi, espíritos balofos, reclinados sobre o papelzinho que há-de fazer a sua glória, compondo um artigo para aquele jornal, ou preparando uma poesia para aqueloutro.

O nome escrito no fundo dum trabalho, fascina o autor. Para a satisfação desta vaidade renuncia-se ao estudo, ao trabalho obrigatório, ao trabalho, em suma, que produz, para mostrar os dotes literários que, quasi sempre, (irrisória desilusão!) se verifica serem nulos.

E eis porque se procura inspiração na treva duma noite de inverno, ou se perdem horas a tentar traduzir em palavras o poeirento brilho da lua, numa noite de julho.

«Escrever, escrever, eis o delírio que a todos invade. Mas escrever o quê? Isso pouco importa contanto que se escreva».

Há uns olhos que fascinam? Uns lábios que encantam?

Eis o tema.

Aí vem, então, uma avalanche de palavras a querer que o leitor sinta o brilho dos olhos idealizados ou o calor dos lábios rubros que seduziram um coração de amante.

E, coisa curiosa! a Venus que se adora é por vezes um... camafeu, sem, contudo, deixar de ser... Venus. Cupido senta-se, então, à beira dum regato a disparar setas que não batem no coração da preferida do autor...

Forjado ao dicionário o artigo é incompreensível para todos menos para quem o escreve. Só este o entende.

Aqui está o... escritor.

O sol cai de manso sobre as águas do mar ou «a lua surge naquela tarde!» E seguem-se umas frases sem nexos, sem sumos, que nada dizem e... dizem tudo, porque no fim, o nome do autor lembra-nos a figura de quem faz estas... tristes figuras.

Ressalta-nos, então, à memória aquela tam célebre frase, já tam antiga e sempre tam moderna: *Vanitas vanitatis omnia vanitas*.

Eis, pois, para que se escreve; eis porque se escreve.

Mas se fosse só assim poderíamos lamentar e não criticar.

(Conclui na 2.^a página)

televisão, o que se passa em todo o globo!

Que endiabrados são os homens do nosso século!

Daqui a pouco (é só lembrarem-se!), são capazes de nos trazer

acomodidade de pronunciarmos as palavras sem abrir a boca, ou de chegarmos a sábios sem estudar!...

A ver vamos, como dizia o cego...

Aveiro, 1930.

Seabra Denis

Analizando

O quê? perguntarão os leitores. Só isto: a mocidade masculina que vegeta desde 1927 para cá — respondo.

Refiro-me somente à mocidade que dá pelo nome de *ponney* ou *atlante*, porque a outra ainda não está corrompida pelos vícios de Além Atlântico.

Dá-se o nome de *ponney* a um sêr, porque tem vida, que apresenta as seguintes características, começando de baixo para cima: os sapatos — acho que se lhes devia dar outro nome, porque *ponney* é um cavalo pequeno que costuma mostrar as suas habilidades nos circos, e é talvez por analogia com estes que se exibem nas ruas, dão por este nome — andam sempre muito engraxados e róticos na sola; as calças, que se assemelham às actuais saias de *godets*, inovação introduzida pelos costureiros americanos, porque o negócio de tecidos de Manchester e das sedas de Lion estava quasi paralisado, foram mandadas fazer das pantalonas dum pai com uma barriga muito proeminente, proeminência devida, ou às suas paródias dos vinte anos, ou à ciência do filho que anda em Coimbra a estudar para ter um Dr. antes do nome; o colete, quer para aproveitar fazenda para uns fundilhos, quer para andar na moda, usam-no aberto, isto é, modelo tirado dos colêtes dos criados de café; o casibeque é cintado para sobressaírem as formas, que eles julgam ser um predicado que os tornam irresistíveis; a camisa parece mais de dormir, que decente, porque o colarinho (acho heresia chamar-lhe tal, porque *soft* e *semi-soft* podem julgar-se lesados) tem de altura a espessura dum dedo, consentindo que um nó muito grande entale os padecentes (não lhes bastava o... *pomme d'Adam*?...); a gravata e o lenço de trazer ao peito foram comprados numa loja *chic*, com artigos caros e ordinários, vindo dentro duma caixa que na tampa trazia uma fotografia de Greta Garbo — pobre rapariga, até vampiro já lhe chamaram — uma «estrela» de cinema que fez e faz fu-

Crônicas científicas

O Louva-a-Deus

O Louva-a-Deus (Mantis religiosa) é um pequeno insecto ortóptero de cerca de cinco centímetros de comprimento. O corpo, colorido de verde-claro, apresenta um torax comprido e delgado, a que se liga anteriormente a cabeça, triangular e muito móvel, e posteriormente o abdómen, bastante vo-

ror entre os *ponneis* que deram em infestar Portugal de lés a lés — agora é que é boa ocasião de reforçar a cavalaria do hipismo português —; usam o bigode à António Moreno, John Gilbert ou à Douglas; o penteado é como o de Ramon Novarro; o chapéu colocam-no na cabeça como Ronald Colman.

Enfim, são uns macacos de imitação dos actores de cinema.

Quanto à morfologia externa estão sumariamente descritos. Vamos à interna.

São cinéfilos porque no século da T. S. F., electricidade, automovel, avião, telefone, vapor e cinema, (as sete maravilhas modernas), seria descabido não o serem.

Anuncia-se uma fita de Greta Garbo ou de Clara Bow; dois dias antes da exibição já não há bilhetes. Se vai uma fita como a Mãe, fita russa que podemos reputar a melhor da época transacta, vão ao cinema pela força do hábito, vindo de lá a bocejar e a dizer uns para os outros: que machada! assunto amoroso não o tinha, não presta para nada.

Estes sujeitos vão ao cinema, não para apreciar as soberbas imagens, mas para discutir quais são os melhores beijos, se os de Adolfo Menjón, os «raffinés», se os de Clive Brook, frios... como de todo o inglês que se preza.

Copiam os olhares e sorrisos de Rodolfo Valentino, para na próxima entrevista amorosa os impingirem.

Lêem Imagem, Cinéfilo, Invicta Cine, Cinelândia, Cine Mundial, etc., para andar sempre ao par do que se passa nos meios cinematográficos; se John Gilbert ainda gosta de Greta Garbo, se Charlot pensa em casar, se Mary Pickford manda retrato grátis, etc., etc.

Para completar a biografia do ponney, aconselho o leitor a recorrer à poesia de Almeida Garrett que se intitula «O casquilho (janota)». Aí poderá ver a maneira inteligente como o grande escritor de «Dona Branca» traçou rapidamente o perfil dos janotas daquêle tempo, *ponneis* de hoje.

Como acho suficiente o que disse... tenho dito.

Aveiro, 11-930.

Flaneviato

ESCREVER

(Continuação da 1.ª página)

«Fulano é tolo, fulano é pretencioso», considerariamos.

Mas porque, infelizmente, há muito quem, não contente de plagiar, copia o que outrem escreveu, a consciência não fica satisfeita se não acrescentar: «roubou».

A êsses recomendo João de Barros que faz uma declaração «para não roubar o seu a cujo é».

«Mas então não se deve escrever na nossa idade!» Podem pensar.

Escreva-se, sim, escreva-se o que se sabe para que se saiba o que se escreve.

Não terminarei, contudo, sem afirmar que os escritores são raros e... sábios.

E... disse tudo.

David

luminoso, principalmente na fêmea. As patas, em número de três pares, são compridas e fracas, excepto as anteriores, que são fortes e servem ao animal mais de órgãos preensores que de órgãos de locomoção.

Em certas ocasiões, principalmente quando espera a presa, flecte as patas anteriores e encosta-as ao torax, dando esta atitude a idea dum crente em oração, donde lhe veio o nome.

Ao contrário de quasi todos os outros ortópteros, que são herbívoros, o Louva-a-Deus alimenta-se essencialmente de presa viva.

E' interessante a maneira como êle apanha as suas vítimas: Quando se vê frente a frente com qualquer animal de que se alimenta (gafanhotos, epeiras, décticos, etc.), abre os élitros obliquamente para os lados, coloca o torax quasi verticalmente, estende as patas anteriores para a prêsã e levanta o abdómen. O pobre animal, perante esta aterrorizadora atitude, fica como que paralizado e nem sequer tenta fugir. Quando vê que a sua prêsã se encontra de tal modo assustada que não se pode defender, então cai sobre ela e, apertando-a entre as patas anteriores, mata-a. Por maior que seja a sua vítima, por vezes muito mais volumosa que êle, é comida totalmente, excepto as asas. Para esta voraz refeição duas horas bastam.

Parece paradoxal como um Louva-a-Deus consegue triturar e engulir as patas, a cabeça e outras regiões do corpo dum gafanhoto, cujos tegumentos são em geral tam rijos, e como pode armazenar no estômago um animal maior do que ele.

Este animal, que aparentemente parece pacífico e inofensivo, é dos mais ferozes principalmente para com os seus semelhantes. Assim, quando dois Louva-a-Deus se encontram frente a frente e não descobrem processo de satisfazer a sua fome devoradora, dispõem-se a fazer repasto do seu semelhante. Colocam-se ambos em atitude ameaçadora e fingem-se distraídos, voltando a cabeça para o lado, mas sempre em guarda. Quando, porém, um dêles se descuida por

qualquer motivo, o outro alonga uma pata e açouta com ela o seu adversário, que lhe responde de igual modo. Quando um dos contendores se sente ferido afasta-se e dá-se por vencido, conservando-se contudo atento e esperando um descuido do seu rival para de novo o atacar. Passado pouco tempo, quando ambos já se encontram aptos para pelear, recomeça a luta, que desta vez é fatal. O morto é devorado avidamente pelo bárbaro vencedor.

O Louva-a-Deus, se para com os do mesmo sexo é cruel, para os de sexo contrário muito pior é. Um macho, ao ver deante de si uma fêmea adulta, levanta o peito, curva o pescoço e olha-a fixamente; assim permanece durante algum tempo na sua atitude sedutora. Quando vê que a sua pretendida está disposta a aceitá-lo como marido, lança-se sobre o dorso da esposa e prepara-se para a fecundação que dura em geral 5 horas.

Triste sorte espera o arrojado conquistador! Acabada a fecundação, a terrível esposa principia a devorar o seu malfadado companheiro, de que não deixa senão as azas.

Mas a feroz viuva ainda não está contente com estas trágicas núpcias. Embora já fecundada, aceita tôdas as declarações de amor que lhe são feitas, apenas com um fim: o de devorar os seus pretendentes.

Chegado o momento da postura, o insecto começa a construir, sobre as pedras ou nos troncos velhos, o seu ninho, que em geral é castanho e tem a forma dum elipsoide. Os ovos são nêles dispostos por camadas concêntricas, sendo separados uns dos outros por delgadas folhetas.

Ivo Abrunhosa

“Alma Académica”

Resolvemos publicar mais cedo este número do nosso jornal em virtude da aproximação das férias.

Visado pela Comissão de Censura

Crônica cinematográfica

Filmes da Grande Guerra

King Vidor, por entre o pessimismo dos dirigentes da «Metro», iniciou a filmagem de *A Grande Parada*, sem demasiada fé de triunfar.

O seu trabalho foi, porém, recebido entusiasticamente em todo o mundo. King Vidor subia ao pináculo da glória e os interpretados seu filme — John Gilbert, Renée Adorée e Harl Dane — transformaram-se em artistas de merecido relêvo.

Estava aberto o caminho dos filmes que, mercê de qualquer enredo amoroso, mais ou menos habilmente aproveitado, historiavam os horrores da conflagração europeia.

Seguiu-se, então, uma infinidade dêles, entre os quais cito, ao acaso, alguns dos mais conhecidos: *Hora Suprema*, de F. Borzage, interpretado por dois jovens artistas, hoje muito queridos das plateias — Janet Gaynor e C. Farrel. Comovia profundamente e mostrava-nos o que fôra a batalha de Marne. *Asas*, que fez durante ano e meio o delírio dos nova-yorkinos. W. Wellman, seu director, que combatera também na guerra, esforçou-se, como era natural, por realizar um filme quasi documentário. R. Arleu, C. Rogers e C. Bow foram os seus protagonistas. *Céu de Glória*, um filme igualmente da aviação, agradou também. *O Preço da Glória*, fita passada na França, mas interpretada pela célebre mexicana Dolores del Rio, *Os quatro filhos*, desempenhado admiravelmente por uma mulher de 60 anos, que fazia o papel de mãe estremosa, *O Poder da Paz*, com C. Brook e Pola Negri, cuja exibição na França foi proibida.

Estes eram americanos. Dos franceses lembro-me apenas de *Verdun* e *Verdun, Visions d'Histoire*, de Leon Poirier, o realizador de *Cruzeiro Negro*, que os estudantes desta cidade apreciaram, na época pretérita.

Os ingleses apresentaram inesperadamente o discutido *Miss Cawell*, que contava as virtudes daquela mulher que foi fusilada na fossa de Vincenes. E, finalmente, os alemães exibiram no mercado o seu filme *A Outra Verdade*, que tanta celeuma levantou à sua volta.

Se os portugueses realizassem um filme da Guerra, haviam de conseguir uma scêna verídica, grandiosa, bem digna dos nossos antepassados.

Combatia-se denodadamente... Súbito, no meio do matraquear das metralhadoras e do imenso troar do canhão, ouviu-se um grito de angústia. Fôra um soldado português que, de rastos, talvez enviado por alguma missão urgente, tinha tombado, para sempre...

Um seu camarada levanta-se, bruscamente, salta a trincheira e,

Divagando

No silêncio nostálgico e tépido do meu quarto repercute-se o som metálico e estranho das dolentes badaladas da meia-noite, som que me traz à imaginação visões fantásticas e imponderáveis.

O meu esforço mental continuou ainda por mais algum tempo, e por fim adormeci, enlevado estático na contemplação imaterial da tua adorada imagem.

O meu sono era entrecortado a espaços por convulsões febris, e pelo cérebro esbraseado passavam-me turbilhões de ideias fantásticas e impossíveis.

Ainda me recordo, embora vagamente, do sonho que nessa noite tenebrosa mais me fez meditar na incoerência do nosso pensamento.

O oceano estendia-se a perder de vista, calmo e azul como o céu que nos cobria, e donde o Sol dardejava os doirados raios sobre a imensidão das águas. Eramos nós os únicos habitantes dessa ilha maravilhosa onde o destino nos arrojara; corriamos de braço dado em todas as direcções, atrás das miríades de borboletas multicores; como se fôssemos duas inocentes criancinhas; sentávamo-nos à beira dos regatos cristalinos que, murmurando, corriam sob a frondosa copa das árvores, e aí passávamos horas e horas absortos e contemplativos, meditando na nossa incrível felicidade.

Um dia,—maravilhoso dia de primavera—o Sol lançava os seus últimos reflexos sobre a quietude e o morno silêncio da Natureza, e os últimos passarinhos cruzavam os ares, despertando os ecos longínquos dos bosques com os seus alegres gorgeios. Nós, cansados já das correrias da tarde, sentamo-nos numa rocha à beira-mar, contemplando a vastidão imensa das águas, onde o Sol poente lançava os seus últimos clarões.

Na parte mais longínqua do horizonte começou a aparecer um ponto negro, que se aproximava, aumentando de volume e tomando formas fantásticas, com vertiginosa

desafiando as balas, vai até ao meio do campo de combate e arrasta o corpo do compatriota para o seu refúgio...

Os soldados portugueses, ao som do clarim, perfilam-se e fazem continência... O trocubento boche emita-os... E, enquanto o soldadinho humilde não conseguiu o seu fim, o combate foi suspenso, momentaneamente... Esta scena, profundamente chocante, bastaria para consagrar qualquer filme sofrível da Grande Guerra, não é verdade?

Vasco A. Rocha

Capricho

— Amiga?— Não! Sòmente conhecida,
Me dizias a rir, heróicamente...
E acrescentavas quasi convencida:
— Amiga, não! Apenas indiferente!

Mas nas tuas palavras, escondida
Havia qualquer coisa certamente...
Verdade?... Não... Talvez... que, nesta vida,
Com verdades assim também se mente!

Sorrimos ambos... Tu por te julgares
Vencedora na troca dos olhares
E eu, por julgar-me vencedor depois...

— Amiga?— perguntei. — Amiga, não!
— Mas batiam, amor, num coração
Os corações amigos de nós dois!

Coimbra
1930

Luis Carlos

rapidez. A tua alma poética e sonhadora desejava um passeio no mar calmo e manso, ao entardecer desse dia fatal, e alegremente foste descendo para a barca que estacionava a poucos passos, vogando em seguida mansamente para o largo. O coração segredou-me qualquer coisa conflagrante, mas não quis contrariar-te.

Entretanto a nuvem negra crescia, lançando-me na alma uma onda de tristeza e de involuntário terror.

De repente o vento começa a soprar com extrema violência, e um trovão medonho, que parecia abalar as entranhas da Terra, reventou por cima de nós. O céu escurecera medonhamente, e a tempestade recrudescia.

Eu, de pé, imobilizado ante a fúria insana dos elementos, vi-te durante um momento lutar em vão e desesperadamente contra a tormenta.

A frágil barquinha precipita-se do dorso duma montanha de água nas fauces escancaradas dum tremendo abismo, e desaparece por momentos, que à minha alma atormentada de ansiedade pareceram intermináveis séculos.

Escuridão completa; a minha ansiedade aumentava, quando à pálida e sinistra luz dum relâmpago, te vejo trágicamente bela, de pé, na barca, com os braços estendidos para mim, implorando socorro. Dum pulo atiro-me ao mar, fendendo a água com a energia do desespero, mas era tarde de mais. Elevado no dorso da gigantesca vaga, o frágil barquito revolteava como um turbilhão; a onda imensa avançava, avançava, e passados momentos rebentava com medonho estrondo; nada mais pude ver, porque fôra arrojado à terra sem sentidos.

Gafanha, 25-11-1930.

Elmano Caleiro

Estudantes: Assinai e propagai a « Alma Académica »

Pela Imprensa

Temos a honra de registar a visita do nosso colega «O Académico», jornal dos estudantes do liceu de Vila Real. Aquela fôlha, que se publica todos os anos no dia 1.º de Dezembro, tem uma esplêndida apresentação gráfica e encerra artigos de alto merecimento patriótico.

Palestras

Sábado último falou o nosso colega Ivo Abrunhosa, da 7.ª classe de ciências. A palestra era subordinada ao tema «A primeira erupção histórica do Vesúvio».

Desenvolveu o tema escolhido com proficiência e engenho. Por isso felicitamos Ivo Abrunhosa incitando ao mesmo tempo outros alunos a que sigam o seu exemplo, falando acerca de qualquer assunto de interesse comum.

Não nos cansaremos de repetir que estas palestras são dum alto valor educativo.

Associação Dramática de Aveiro

Realizou-se na noite do passado dia 7, na sede desta associação, uma animada soirée dançante, organizada pelo Grupo dos 8 fixes, que durou até de madrugada.

Estreiou-se, neste baile, o *Talábriga-Jazz* sob a direcção do sr. Henrique Lemos, com um selecto reportório.

Os músicos, além de se apresentarem com um uniforme característico, semelhante ao dos actuais jazzes americanos, tocaram galhardamente durante a noite.

Ao seu director os nossos cumprimentos por tão feliz êxito.

Neste baile distinguiram-se alguns estudantes que dançaram alegremente.

Agradecemos o convite.

Biblioteca do Liceu de José Estêvão

Durante o mês de Novembro de 1930, o movimento da Biblioteca do nosso Liceu, foi o seguinte:

Obras entradas — 172, sendo 20 oferecidas.

Obras consultadas — 520.

Autores mais lidos — Camilo Castelo Branco, Júlio Diniz, Júlio Verne, Guerra Junqueiro, Alexandre Herculano e Eça de Queiroz.

E' com verdadeiro prazer que registamos o movimento que se intensifica, e portanto incitamos os novos a que de pequenos frequentem as bibliotecas, porque elas são um grande auxiliar dos nossos conhecimentos.

O selo anti-tuberculoso

Se quereis defender a vida de vossos filhos, auxiliai a luta contra a tuberculose, afixando na correspondência o selo anti-tuberculoso, à venda em varias casas comerciais.

Virtudes dum cigarro

O «Spud»

O «Spud» é o cigarro feito com tabaco seleccionado e aromatisado com mentol. Invenção americana, patentada, é incontestável maravilha para lesões de garganta e vias respiratórias. Desinfecta e aromatisa. Mercê do seu agradável paladar e virtudes terapêuticas, o número de fumadores do «Spud» aumenta dia a dia. Os cavalheiros — oradores, professores, cantores, etc. — atreitos, por suas ocupações, a incómodos de garganta, que fumem os primeiros cigarros, não deixam mais de os trazer consigo, como preventivo, para ocasiões oportunas. Três a quatro cigarros diários suavizam as irritações da laringe, atenuam a tosse e evitam a inflamação das mucosas nasais.

Uma caixa de «Spud» (10 maços) constitui um presente muito apreciável para um fumador.

O «Spud» vende-se em todas as boas tabacarias.

Biblioteca da «Alma»

Foi-nos oferecido um exemplar do livro «Cinquenta fábulas de Fedro», da autoria do senhor Dr. José Pereira Tavares, digníssimo Reitor e professor do nosso Liceu. Como o título indica, o livro consta de cinquenta fábulas adaptadas ao português numa linguagem clara, habilidosamente compostas a fim de despertar interesse no espírito de quem as lê. Como se destina ao ensino de português nas primeiras classes, o livrinho tem um alto valor pedagógico e educativo.

As doze primeiras fábulas são acompanhadas dum plano de estudo, acessível à inteligência dos estudantes novos e que muito facilita o interrogatório dos professores.

Como o autor afirma no prefácio, o seu trabalho, em mãos hábeis e perspicazes produzirá, certamente, os melhores frutos.

Felicitando o senhor Dr. José Tavares por um importante trabalho que publicou, não deixamos de louvar o esplêndido aspecto gráfico que apresenta o livrinho «Cinquenta fábulas de Fedro».

LIVRARIA CENTRAL
DE
ARTUR DOS REIS
ARCOS — ENTRE PONTES
Papellaria. Perfumaria. Tabacos. Postais ilustrados. Objectos de escritorio e pintura. Livros escolares. Scientificos. Recreativos.
Romances. Poesias. Obras francesas. Todas as novidades literarias.
Artigos de fotografia. Esta casa encarrega-se de revelar e tirar provas.
SEMPRE A ULTIMA NOVIDADE EM DISCOS PARA GRAMOFONES
Aparelhos TELEPHUNKEN T. S. F.—Os melhores do mundo.

SOUTO RATOLLA Casa fundada em 1801
AVEIRO
Perfumaria nacional e estrangeira. Giletos e laminas.
Papellaria e estatuetas.
Postais ilustrados e edicoes de postais de Aveiro.
Tabacaria: Tabacos em fio e cigarros nacionais e estrangeiros. Charutos.
Ourivesaria: Serpentinhas, salvas, faqueiros, cristais guarnecidos, estojos, objectos de ouro e pedras finas.
Relojoaria: Relogios em ouro, prata, aco, de parede e carrilhao. Longines, Zenith e Omega.
Telegramas: SOUTO RATOLLA — Aveiro

Salão Avenida
DE
Alvaro Ferreira
(A barbearia preferida pela Academia)
Telefone 115
OPTIMA EXECUCAO EM CABELOS DE SENHORA
RUA BENTO DE MOURA
AVEIRO

ELITE AVEIRENSE
Estabelecimento de fazendas e modas
Confecções, camisaria, gravataria, perfumaria e artigos de sport
EDUARDO OSORIO & FILHO, Suc.
Depositario da fabrica de calçado "A PORTUGAL"
Rua Mendes Leite e Praça 14 de Julho
AVEIRO

Agua das nascentes
VIDAGO
é só a que no rótulo apresenta o
Vidago Palace Hotel
FIXE BEM O RÓTULO
Depositários em AVEIRO
Ulysses Perera, Limitada
Telefone 66

FOTO CENTRAL
DE
HENRIQUE RAMOS
R. Combatentes da G. Guerra, 72—AVEIRO
Telefone 127
RETRATOS DE ARTE
ACABAMENTO DE TRABALHOS DOS AMADORES : Máquinas e artigos fotograficos
Revelações grátis de todos os artigos comprados nesta casa

CASA DOS OVOS MOLES
DE
Maria da Conceição Mourão, Suc. L.ª
RUA COIMBRA (Antiga Costeira) 3-a e 3-b
AVEIRO

CAFÉ E
PASTELARIA
VENEZA
RUA JOÃO MENDONÇA
AVEIRO

"A ELEGANTE"
CASA DE MODAS
DE
POMPEU DA COSTA PEREIRA
SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES
Rua de José Estêvão
Telefone n.º 15
AVEIRO

Lourenço Vicente Ferreira
CIMENTO "TENAZ"
MOTORES MARÍTIMOS "PENTA"
APRESTOS MARÍTIMOS
RUA DO CAIS, 13
AVEIRO

Variado sortido de artigos para electricidade. — Candieiros de sala e de mesa. — Fogareiros, fervedores e aquecedores eléctricos. — Instalações de luz e campainhas. — Gramofones, discos e agulhas DECCA. Vendas a prestações. — Motos e bicicletas B.S.A. — Tintas e vernizes TEOLINO para todos os fins. — Soberbos esmaltes holandeses. — Motores Industriais e marítimos. — Motores eléctricos. — Grupos moto-bombas, etc., etc.
Ferreira Pereira, & C.ª
Rua Direita, 43 — AVEIRO

Vende-se na farmácia de:
Domingos João dos Reis Júnior
HERPESINA
Cura radicalmente todas as doenças de pele (Eczemas, herpes, comichões, etc.)
De resultado seguro no tratamento de feridas de qualquer natureza.
Desinfectante enérgico, que se deve uzar todas as vezes que se faz a barba, evitando assim contrair doenças por vezes graves.